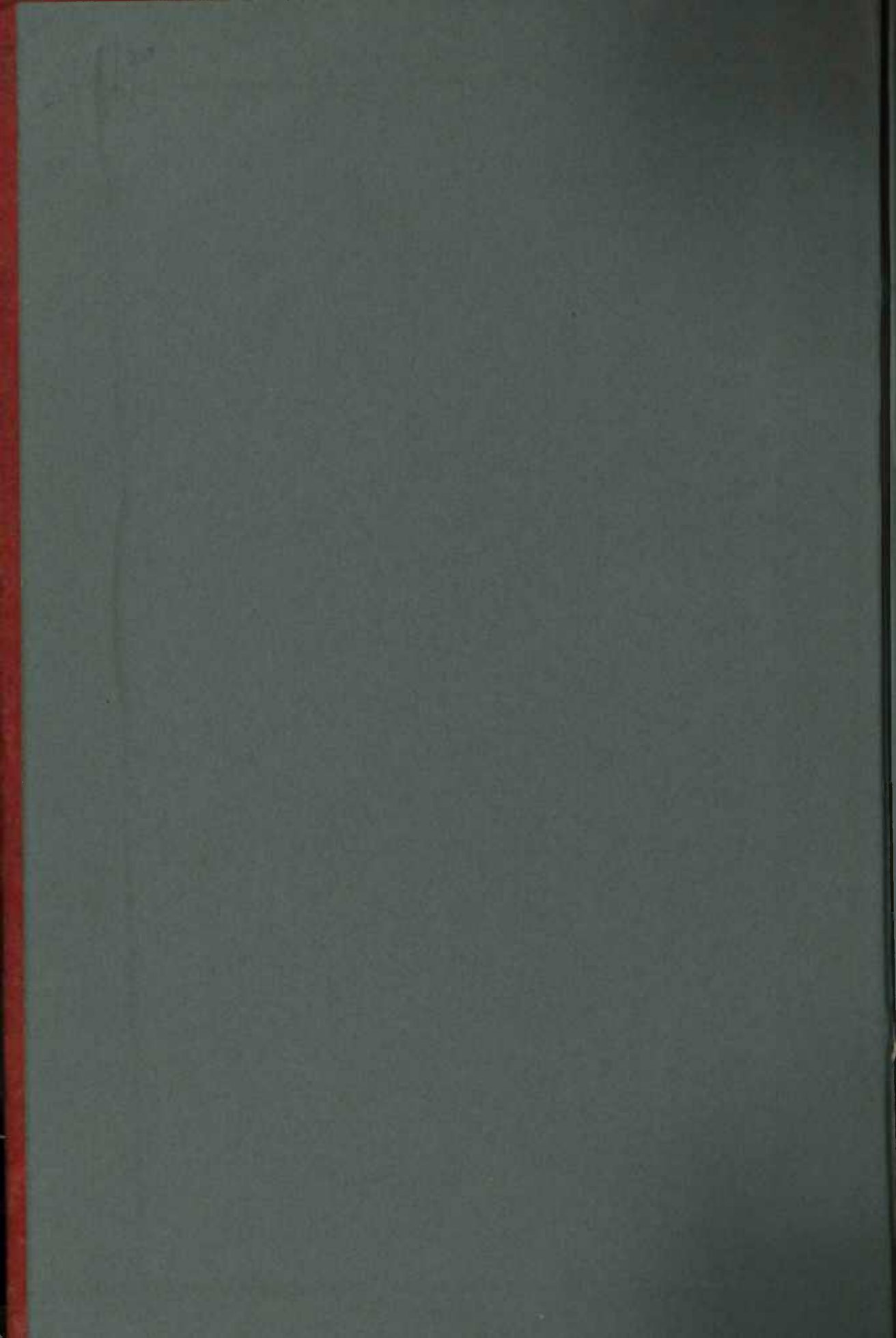




A
VIDA
NA ROÇA



A VIDA NA ROÇA

Luiz D. Juvenal Tavares



A VIDA NA ROÇA

POR

Canuto, o Mafuto

Nasci n'esta zoua ardente,
Tive mou berço innocente
Nas margons do Tocantins;
Os favonios m'embalaram,
As aves me acalentaram
Nos seus eternos festins.

Eu criei-me nas florestas,
La onde paixões funestas,
Não medram no coração;
Onde é tudo liberdade,
Onde é real a egualdade
E cada qual — um irmão.

(VERSOS ANTIGOS E MODERNOS — DO AUCTOR).



BELEM — 1893

A

Antonio **J.** Lemos

EXPLICAÇÕES

Xo Sr. Antonio José de Lemos, redactor e proprietario da *Provincia do Pará*, offereço estes *Contos*, porque a elle, de direito, lhe pertencem.

No dia 10 de Julho d'este anno, achando-me com este cavalheiro no seu gabinete de trabalho, elle convidou-me a escrever para o seu importante jornal, narrações, que se referissem pura e exclusivamente aos costumes dos habitantes do interior d'este Estado.

Accedi de bom grado a tal convite, que, além da remuneração que se fazia do meu insignificante trabalho, eu não o deixei de receber como honroso á profissão que exerço por gosto e por necessidade da existencia.

No dia seguinte a *Provincia do Pará* fazia esta reclame aos seus leitores :

A Vida na Roça

Amanhã iniciaremos a publicação de interessantes contos, que descrevem, com amêna e delectavel naturalidade, episodios da roça.

A PROVINCIA DO PARÁ não se furta á cogitação do que possa ser agradável aos seus freguezes.

Assim, A VIDA NA ROÇA é um genero de trabalho litterario de que cogitamos, com o fim de contribuir para maior variedade das secções do jornal e que ha de corresponder ao nosso desejo e ao gôsto de grande numero de leitores.

Occultei-me sob o pseudonymo de *Canuto, o Matuto*. Mas a besbilhotice, farejando o autor d'essas *variedades roceiras*, não tardou em dar com o focinho sobre o meu nome.

Não sei se estas narrativas, lançadas em linguagem simplicissima e despidas de qualquer pretensão, conseguiram interessar o publico da capital; do interior, porém, recebi cartas de amigos meus pedindo-me a sua collecção completa.

Eis ahi o que resolveu-me a dal-as ao prélo, reunidas n'este volume, sem considerar os prejuizos que emprezas congeneres já me têm causado.

D'esta breve explicação, vê-se que estes *Contos* nasceram d'um dever, e que este volume originou-se d'uma esperança com bom fundamento concebida.

Offerecendo a *Vida na Roça* ao seu verdadeiro dono, tenho cumprido o meu dever.

Collocando este pobre volume sob a generosa e benevola protecção de meus distinctos amigos do interior, conto dèsde logo realisada a minha fagueira esperança.



Não tenho a estulta pretensão de julgar que, n'estes poucos e apoucados *Contos*, eu tenha descripto a vida passada no interior d'este Estado em todas as suas multiplas variantes.

Aqui está traçada apenas uma das diversas phases, que apresenta a existencia das populações do interior do Pará ; pois é bem verdade que os costumes e o *sotaque* do fallar, variam entre nós, muitas vezes, d'um logar para outro, d'um para outro rio.

Entretanto, sempre que me veja em lazer, irei desenrolando essas scenas tão pittorescas na sua successão quasi que infinita ; pois sou o primeiro a reconhecer que este livrinho é apenas um capitulo d'esse grande livro escripto pelo homem e pela natureza — mixto de civilisação e selvagismo — crenças cheirando a christianismo com resaios de barbarismo indigena — e que se intitula *Vida na Roça*.

Belem, 28 de Novembro de 1890.

L. D. J. TAVARES.

Um bonito bofetão

MANUEL, um elegante mestiço em quem era difficil distinguir-se o caboclo ou o mulato, podendo entretanto ser ambas as coisas, estava, em cima das pachiuvas do tendal da barraca de seus paes, deitado, de ventre para cima, a contemplar descuidosamente umas nuvens esbranquiçadas, que ligeiras corriam no firmamento sereno, como espumas de sabão em ondas aniladas.

O sol já havia desaparecido por detraz das mattas seculares que rodeavam a barraca; mas uma fita vermelha de arrebol vespertino escarlatizava as cabeças dos meritiseiros mais elevados, que, em longa renque, se apresentavam na margem opposta do pequeno rio.

As saracuras, em uma moita proxima, haviam soltado o seu canto de despedida ao dia :

— *Kirikó, kirikó, kirikó, kó, kó, kó, kó, krikó, kirikó, kirikó.*

Manuel suspendeu a cabeça, olhou indolentemente para a sua espingarda encostada á parede de jupaty, voltou-se depois para o lado d'onde vinha o canto alegre das saracuras, inclinou novamente a cabeça sobre o girão de pachiubas, contemplou as nuvenzinhas a correrem no firmamento, murmurando :

— Não vale a pena... Estou farto de saracuras...

E concluiu esta phrase arremedando no mesmo diapasão os gallinaceos :

— *Tres pòtes, tres pòtes, tres pòtes, dois pucaros, dois pucaros, dois pucaros...*

Quando elle proferia o ultimo — “tres pòtes” —, um estoirar longiquo de bombas de foguete, arrematado por um forte tiro de *rouqueira*, veio despertar o feliz roceiro.

Levantou-se pressuroso e, indicando com o dèdo um ponto do horisonte, disse :

— É' lá... é na casa do capitão Fabricio que o *Divino* vae pernoitar hoje.



Uma pequena explicação ao leitor da capital, em fórma de parenthesis.

No nosso interior, sobretudo no vastissimo archipelago formado pelas innumeradas ilhas das fozes do Amazonas e Tocantins, ha um uso antigo de tirar-se esmoladas com ricas corôas de prata, encravadas de lindissimas pombinhas de oiro.

Estas excursões religiosas são grandes pandegas para os vadios que, sob o titulo de promesseiros, tripulam a canôa do santo de pôpa á prôa.

O *mestre-sala*, aquelle que com uma grande toalha de linho ao hombro conduz a corôa, é o chefe da *troupe* dos ciganos.

Vêm depois os *foliões*, os que cantam a *folia* ao som de um tambor de rosto de coiro de veado retezado com cordas de *curaud*.

Onde o *Divino* ou a *Santissima Trindade* pernoita, já se sabe que passa-se uma noite de festa.

Morre o capado mais gordo, o garrote ou a vitella e grande quantidade de patolos...

Ha a ladainha, depois da ladainha uma grande ceia depois da ceia rompe o “lundum” até de manhã.

Já sabem, pois, os meus leitores, porque é que o Manuel, ouvindo o estalar dos foguetes e o écho da rouqueira, ao cahir da noite, levantou-se e disse :

— E' lá... é na casa do capitão Fabricio que o *Divino* vae pernoitar hoje.



E enfiando a sua calcinha branca, reservada só para os “pagodes” e mettendo-se em sua camizinha de lã escarlata, lá vae o Manuel rio abaixo, impellido por um grande remo de itaúba, dentro de uma pequena montaria, que só dois dédos da borda mostrava á flôr d'agua.

A cada remada que dava, a montaria deslizava

como um reptil e a sua voz, vibrante e maviosa, ouvia-se em échos successivos, repercutindo ao longe :

Não tenho mêdo da onça
Nem das pintas que ella tem ;
Tenho medo da mulata
Quando chega a querer bem.

Ora, exactamente a Joanna era uma bella mulatinha de cabellino na venta, que o queria muito bem, mas muito, a ponto de não poder deixar de vê-lo um só dia.

E n'essa tarde, tendo-o esperado ate ás 9 horas da noite, e afinal tendo desesperado, ouviu também uns foguetes a estalarem, uns tiros a roncarem e a *caixa* do *Divino* a quebrar o silencio da noite :

— *Tum, tum, tum.*

Saltou ao terreiro, botou o dêdo indicador na testa e murmurou :

— E' lá que elle está... é na casa do capitão Fabricio, onde hoje pernoita o *Divino*.

Metteu-se na "Ariramba", uma canoinha pintada de verde e amarello, manejando um remo de pita-hica, cuja pintura, em campo negro, era feita á ponta de canivete.

Mas o que é notavel é que a *bicha* não ia como de costume, em trajes feminis, com sua camisola de chita e sáia de maparahy

Ella ia trajando masculinamente, com a calça e camisa do irmão, levando atravessada na mente uma idéa sinistra...



Quando chegou á casa da festa, o baile já estava fervendo.

Joanna, em vez de procurar metter-se na “contradança”, foi fazer troça com os rapazes no terreiro.

Gargalhadas e chalaças rompiam de todos os lados.

Uns achavam galantinho aquelle moleque por ser baixinho.

Outros notavam que aquellas nadegas, tão proeminentes, não eram de homem.

Este, mais atrevido, queria conchegal-a ao peito afim de verificar... se...

Aquelle chegava a conceber já, por um instincto proprio da natureza, desejos um tanto criminosos.

Mas Joanna esquivava-se a tudo, pizando duro, sarcoteando como um rapaz travesso, cahindo-lhe sobre os hombros o cabello curto e encaracolado e trazendo atravessado na bôcca um enorme cigarro de tauary.

E' n'este momento que ella dá de cara com o Manuel que, cynicamente enlaçando uma gordanchuda roceirinha, lhe diz :

— Me empresta uma fumaça, cabôco.

— Toma! disse-lhe Joanna, e applicou-lhe, nas

bochechas uma tão forte bofetada, que estrondou até á cosinha.

O pobre rapaz, vendo scintillarem deante de seus olhos mais estrellas do que havia no céo, tirára da faca que levava á cinta e quando vae ferir o seu de sconhecido aggressor, este, com mão possante, o subjuga ao chão e lhe murmura no ouvido :

— Es pereí-te hoje até ás 9 horas da noite...

Momentos depois, mansamente descahindo ao som da maré, fluctuava uma pequena montaria nas aguas tranquillias do igarapé, conduzindo dois jovens matutos, affagando-se como duas rôlas, nos extasis inebriantes de namorados felizes.

Ao longe, quebrando o silencio da noite, ainda o écho repetia :

Não tenho mêdo da onça,
Nem das pintas que ella tem ;
Tenho medo da mulata
Quando chega a querer bem.



Um "samba" á luz do sol

UMA bella manhã de domingo em pleno verão !
O sol elevava-se cheio de galhardia mages-
tosa, qual noivo feliz levantando-se do tôro nupcial.

A viração matutina, — fresca e brincalhona, — sacudia mansamente a fronde opulenta das arvores e vinha bafejar-me as faces, como o halito sadio da Natureza bocejando ao seu despertar.

O bimbalar festivo de alegres sinos, dependurados á torre da matriz, annunciava que ali o padre vigario, se não estava benzendo algum santinho da devoção de seus parochianos, com certeza estava baptizando algum innocentinho.



— Tátátá, tátátá, tátátá....

Era o meu bom amigo dr. Pantaleão que, da parte da rua, batia fortemente com a sua bengala de muira-

pinima na minha janella, e ao mesmo tempo dizia :

— O' *seu* Canuto, ainda está mettido em casa, em um domingo como este?!

“Não vae ouvir a missa do dia ?

“Olhe que hoje é que as pequenas vão á igreja. Não conhece a néta da thia Chica ?

“Pois, meu amigo, dizem que já está... Eu hontem a vi de relance já toda sacudida, mas muito arisca ainda...”

— Sim, doutor ; mas.... franguinhas assim, creadas no quintal, são para os dentes só do medico e do vigario ; para nós outros, — pobres diabos, — que não sabemos nem dizer missa, nem curar febres intermittentes, sómente os ossos é que nos deixam, depois de roida a carne.

— *Quá, quá, quá*, — riu o doutor ; e batendo-me amigavelmente no hombro, accrescentou :

— Salta d'ahi para fóra, vamos á “Bôa-União”

— E fazer o que á “Bôa-União” ? Já é tempo de atirar pombas ?

— Oh ! pombas ! e que pombas !... Mas não é isso. Não ouviu os repiques aind'agorinha?...

— Sim, repiques....

— Baptizou-se o filho do promotor com a *Milôca* ; e, então, já se sabe, ha *samba* feio e forte.

— Onde é a festa ?

— Pois não estou lhe dizendo ? na “Bôa'União”

“Você conhece a força do promotor n'estas innocentes pagodeiras, que, certamente, não offendem á justiça publica.

- Eu faço idéa !...
- Imagine que a Paulina é a madrinha e a apresentadeira a velha Pelonia.
- Xiiii !.... e o padrinho ?
- O padrinho.... quem mais havia de ser ?.... é o padre, que é o compadre de toda a freguezia.
- Oh !.... sae cinza !
- Vamos ! vamos passar um bom dia.
- Então a coisa é obrigada a pato no tucupy ?
- E a sarapatel e cabeça de porco na maniçoba....
- Irra ! doutor...



Eis-nos em demanda do sitio “Bôa União”.

Era um caminho estreito, por entre uma matta baixa.

Caminhavamos um atraz do outro.

Antes de chegarmos ao aprazivel sitio, eu quizéra, a largos traços de penna, apresentar ao meu leitor da capital as tres principaes figuras d’este conto simples, as quaes são características na cabeça das comarcas do nosso interior : — o vigario, o medico e o promotor.

Falta-me, porém, espaço para isso ; o plano d’estas ligeiras narrações não comporta extensas descrições.

Entretanto, para não confundir o padre da róça, — simples e bemfazejo, com o padre da capital, agitador de idéas subversivas e pregador de doutrinas erro-

neas, direi que este sacerdote não é hypocrita e toda a sua sabedoria cifra-se em comprehender bem a religião do povo, dispensando completamente a Theologia; diz missa, baptiza e faz enterros; dá homœopathia aos seus parochianos enfermos e é bom pae de familia : pae de tres filhas bonitas.

O medico é um typo creado pela velha politica.

Foi para ali commissionedo pelo governo em tempo de epidemia, roendo uma soffrivel pepineira.

Enamorando-se de uma bella morena do logar, filha de um tenente-coronel possuidor de alguns mil pés de cacãoeiros, amarrou-se com ella.

Estimando devéras aquelle bom povo e querendo lhe dar prova de sincero amor, fez voto de não curar ninguem. Deixa essa humanitaria missão aos seus collegas, que ali apparecem mandados pelo governo afim de *verem* os doentes e tambem, ás vezes, darem serviços ao empregado do cemiterio.

O cidadão que desempenha o nobilissimo papel de orgão do ministerio publico, é leigo.

Intelligente, adquiriu grande pratica da legislação e tem verdadeira intuição do que seja jurisprudencia.

O tribunal da relação, em *accordam*, já lhe fez grande elogio, chamando *luminosas* e verdadeiramente juridicas a umas suas *rasões*, dadas em um embargo que elle pôz á sentença do juiz de direito, proferida venalmente contra pobres orphãos.

Cita as *Ordenações* e o *Digesto* como quem réza o Padre Nosso.

Só bebe cachaça e vinho : um quartilho d'aquella ao banho, um frasco d'este ao almoço.

Sempre que accusa um réo, a sua peroração é esta :

« Hééé ! Húúú !

« Que cara feia ! parece satanaz !

E faz uma horrenda carantonha, de que o réo fica assustado e os juizes de facto prorompem em estrepitosa hilaridade.

E' um bonanchão rastejando os seus quarenta janheiros.

Todo o dinheiro que adquire proveniente do seu cargo ou das causas civeis que advoga, dissipa-o elle em pagodes e comesainas, que se formam, em companhia sempre de alegre raparigada, ora em uma ilha defronte da villa, ora em outro qualquersitio, no matto.

Esta, a que iamos farejando, eu e o meu amigo dr. Pantaleão, era uma d'essas pandegas.

Estavamos já proximo da « Bôa-União », porque aos nossos ouvidos chegaram o vozear das raparigas e o tóque dos *tambouros* :

— *Tucutum, tucutum, tucutum.*

O dr. Pantaleão é um *sequista* de força, ao que na gyria da capital se diz *cacête de piquiá*.

Elle caminhava deante de mim pelo estreito trilho de que já falei, contando suas anedoctas ; e muitas vezes estacionava, voltando-se para mim, quando mais estava no gosto d'ellas, obrigando-me a parar um bom quarto de hora.

Quando ouvimos o roncar dos *tambouros*, elle fez a sua ultima parada, e dobrando-se para mim, disse :

— Está ouvindo?... O *samba* está fervendo. Agora as mulatinhas têm poeira até.... até aos olhos....

E deu uma risada.

Acocorados sobre as folhas sêccas, á sombra de um frondoso muruxyzeiro, pozemo-n'os a espreitar.

Em um terreiro vasto e bem varrido, umas oito raparigas, cantando em altas vozes, moviam-se em uma dança macia, fazendo requebros voluptuosos.

No meio d'ellas, como um velho Perú arrastando as azas, viamos o promotor.

Elle gritava :

— *O cajú stá maduro.*

Ellas respondiam :

— *Está bom de comê.*

— *O cajú stá maduro.*

— *Está bom de comê.*

E de vez em quando este estribilho era interrompido por este côro estrondoso :

— *Eêê Yáyá,*

— *Vamo na praia brincá.*



O resto do pagode para outra pagina.

Um banquete à sombra do arvoredo

- Olha o doutor!
- Olha o Canuto!
- Então vocês também deram com os costados por aqui?...

Foram com estas e com outras expressões amistosas, que nos receberam, de braços abertos e dando fortes gargalhadas, o promotor, o padre vigário, a mulata Milóca e a velha Pelonia.

Estavamos, pois, no sitio « Bôa-União » e no meio da mais bella sociedade de que já vos falei em minha precedente narrativa.

Faz-se mistér uma pequena idéa do theatro onde se representa esta scena campestre.

A « Bôa-União » não passa de uma antiga — « casa de fôrno » — como é costume chamar-se na *roça* ao *retiro* destinado ao fabrico da farinha de mandioca.

Era uma casa coberta de palha de *bussú* já esbranquiçada pelas sóvas do tempo; paredes de enchimento e embarreadas, nas quaes, em vez do rebôco, viam-se os sulcos dos dêdos de quem as fez.

Ao fundo viam-se os tipitis, os ralos de cobre, instrumentos apropriados á fabricação da farinha, e o fôrno de barro, sentado em seu pilar de terra, escorado com varas de meraúba, e completamente coberto com folhas de tucumanzeiros, com os espinhos agudos voltados para cima, embargo peremptorio para que meia duzia de cães pirentos não fôssem fazer sua cama do logar onde se fabrica aquillo que nos regala a pança — a torradinha farinha amarella.

O sitio é assombreado por bellas arvores fructiferas, como cacoeiros, cupuzeiros, cafezeiros, etc., etc.

Ao fim de uma suave depressão que faz o terreno, correm murmurantes, sobre um leito de branca areia, as aguas claras e limpidas de um igarapé.

Era não longe d'este bello regato, em baixo de elevadas e ramalhudas arvores, que armaram a mesa, onde ia ter logar o banquete, em honra ao baptizado do Antonico.



— Querem *chocolate* ou *mucura*? perguntou-nos a rir o promotor a affagar com as mãos abertas a pança saliente.

O dr. Pantaleão aceitou uma tigelada de chocolate com ovos e farinha de tapioca; eu optei pela *mucura*.

Sabeis, leitor, o que é a *mucura* ?

Eu vol-o digo em duas palavras : — em uma pannela nova de barro deitam-se meia duzia de ovos com assucar sufficiente, e depois de bem batidos, junta-se-lhes, com o devido cuidado, afim de não coser os ovos, meio frasco da bôa cachaça marca « Furtunato ».

Esta beberagem, consubstanciando o estomago, provoca suavemente um bom appetite.

Ora... eram 11 horas da manhã seguramente.

Aos nossos olhos apresentava-se a mesa, sem toalha é verdade, mas já com os pratos emborcados, pratos de todas as fabricas, de todos os gostos, de todos os preços, de todas as edades, com suas colheres de estanho ao lado.

Aos nossos narizes batia o cheiro do porco assado sobre brazas em grandes espetos de pachiúba.

Lá, mais adeante, com os joelhos no chão, nua da cintura para cima, com os seios a pularem, — dois arrebatadores pombinhos, — estava debruçada sobre um grande alguidar uma bella mulatinha, bella em toda a significação d'esta palavra...

Era a neta da thia Chica preparando o grosso assahy para a sobremesa.

Empurrados brandamente pelos braços do nobre orgão da justiça publica, sentamo'-nos ao redor da mesa em compridos bancos ahi improvisados com varas de lacre e caferana.

Occupava o logar de honra o vigario, um homem sympathico, risonho, de rosto cheio e vermelho, mostrando ao céu, que nos servia de abobada, a sua corôa redonda, branca, bem escanhoada n'aquelle dia.

Os convivas de ambos os sexos, não sei se é licito accrescentar, já estavam todos fortemente *mucurizados*.

Ao som dos risos estridulos das raparigas e dos dictos picantes dos rapazes, começou o ataque gastronomico.

Este atolava os dêdos em gordoroso toicinho, aquelle levava á bocca com as duas mãos enorme orelha de porco.

Um grande garrafão de frasqueira e meia, cheio de vinho, foi conduzido para o pé da mesa por um servente especial que, agarrando o « bicho » com uma das mãos e tendo na outra uma cuia, gritava aos convivas :

— Quem quer ? Quem quer ?

— Eu ! eu ! eu ! era a resposta unanime.

Lembrei-me então d'uns versos paraenses, assim :

Todos dizem que sim, ninguém diz não.



Começaram as *saudes*, pondo em actividade o

éstro fecundamente improvisador e repentista dos
nossos matutos.

Levanta-se um rapagão e diz :

« Com uma pégo no copo,
Com outra faço a rasão,
E viva o nosso vigario
E mais a bella união ».

Foi um estalar de pratos, vivas, hurrahs, etc., etc.
Diz o promotor :

« Fazendo, pois, um addendo
N'esta grande reunião,
Eu vou beber á saude
Do doutor Pantaleão ».

A mesma scena de vozerias.

Diz o padre :

« Não sou padre, não sou nada
N'esta gostosa funcção ;
Eu sou filho do peccado
Da mãe Eva e o pae Adão ».

Um écho unisono, homérico, estrondeou na matta
virgem : — bravo ! bravo !

N'esta occasião a neta da thia Chica, galantinha
e innocente mulatinha de quem vos fallei ha pouco
começa a conduzir para os convivas, em luzidias
cuias pretas, o saboroso assahy que ella acabava de
amassar.

O dr. Pantaleão deu-me um beliscão na coixa e
disse-me : — Que tétéia !

O padre, com gestos cheios de languor e olhares abrazadores, dirige-se á mulatinha :

« Não sou padre, não sou nada,
Sou captivo das mulatas,
Por causa d'esses teus olhos,
Eu gastarei boas patacas ».

Houve um estrondear louco de applausos por causa d'esta innocente pilheria do padre; thia Chica não cabia em si de contente.

Só um caboclo, de 22 annos de idade, mais ou menos, levantou-se, com olhos flammejantes, e rindo ironicamente, diz :

« O padre é pessoa santa,
Não é coisa assim, a tóa ;
Mas pôde-se o páo metter-lhe
Não lhe batendo a corôa ».

Oh ! foi agua na fervura.

Todos levantaram-se.

O padre desconfia e enfia.

— Este rapaz é doido, disse a thia Chica, emquanto a sua neta contempla o caboclo com olhos amorosos.

E accrescenta :

— Vejam só que atrevido ! a querer metter o páo no padre...

Alguns companheiros abraçam-se com elle e procuram retiral-o.

O promotor, completamente contrariado, abraça-se

com o bom do seu reverendo compadre, dizendo-lhe :

— Não faça caso...

E virando-se para nós, com os braços abertos, exclama :

— E' sempre isto ! Por mais que eu faça, por mais que eu agrade, estas minhas *brincadeiras* terminam sempre por um desaguizado como este...



E terminou; e eu tambem aqui termino.



Uma nota de tristeza

Não ha céo, por mais limpido, por mais bem illuminado, que não seja cortado de luctuosas nuvens negras.

Não ha alegrias, por mais expansivas que pareçam, que não sejam de quando em quando perturbadas pelos dissabores da tristeza.

E' bem natural, pois, que eu, em meio das scenas alegres da *roça*, deixe escapar uma nota de melancolia, que é a nota mais verdadeira n'esse conjuncto de innocentes e continuas festas.

Mais de uma vez, ao correr d'estas narrativas sem arte e sem pretensão, a minha penna, affeita aos prazeres e ás agruras d'esse viver sempre calmo da *roça*, terá de riscar deante dos olhos do leitor traços tão pretos, como a negra cercadura de um epitaphio engastado em marmorea lousa mortuaria.



O astro-rei, mergulhando no horisonte por detraz de grandes arvores, que contam a sua existencia por

seculos, cerrou após si o occidente com uma extensa cortina côm de sangue.

Só quem, como o humilde escriptor d'estas linhas, já passou uma tarde n'um d'esses degredos voluntarios, n'uma miseravel choupana coberta de palha e exposta aos insultos inexoraveis do tempo, pôde imaginar quanta amarga tristeza nos invade a alma n'essa hora cheia de incertezas, n'esse momento dubio e oscillante, em que o sol se despede da terra e a terra engolfa-se na solidão do infinito, lugubre e magestoso ao mesmo tempo.

Desappareceram os bandos de passarinhos, que com variedades indescriveis de gorgeios, haviam saudado o alvorecer da manhã.

Um *iraxué*...

Aqui na cidade habituaram-se a chamar *sabiá* a esta ave.

Um *iraxué* desprendera da garganta o ultimo trinado.

Um enorme *tucano*, com seu papo branco esmaltado de côres vistosas, pousado no pincaro da arvore mais elevada, como que esforçando-se por ser o ultimo dos viventes a despedir-se do dia moribundo, soltava o seu canto melancolicamente compassado que, compassadamente, ia quebrando o silencio das selvas sombrias, implorando da noite, que vinha cahindo, uma gotta de orvalho para humedecer a garganta sequiosa.

Parece que já me vou extendendo demasiadamente

n'esta descripção — pobre descripção! — e levando o tédio e o aborrecimento ao espirito do leitor benévolo.

Conheço a falta em que vou cahindo; mas não posso subtrahir-me a recordações tão gratas, como as que sinto n'esta occasião.... Sim! recordações d'esses sitios, onde, ao lado das alegrias sinceras, caminham as grandes miserias.... Recordações d'essa bôa gente, que, em pleno regimen de liberdade em que vive, só tem uma crença — Deus, só tem uma lei — a natureza.



Era a cabeça da ultima das « aguas vivas » do mez de março, essas grandes aguas que inundam completamente as ilhas mais elevadas da foz do Amazonas e Tocantins.

Fizêra preia-mar ás 5 e meia da tarde, e já a maré tinha meio palmo de vazante, descendo com uma fortissima correnteza, que sacudia violentamente as aningueiras da beira do rio, as quaes dansavam como enfermos béríbéricos.



Impellido mais pela força da corrente do que pelo seu grande remo, aportou na ponte do barracão do *Zé-Taquary* um rapazito de cabello tezo e côr vermelha.

Desembarcando, conduziu para a taberna uma

grossa *pelhe* de borracha, branca como o leite, pois n'aquelle momento havia acabado de ser defumada.

Na varanda estava armada uma grande balança, á antiga portugueza, cujas conchas quadradas eram atracadas no braço de ferro enferrujado, por grossos cabos de linho.

O matuto atirou a *pelhe* em uma das conchas, pesando 10 kilogrammas.

O negociante atirou-a com o pé para dentro de um alçapão e disse tranquillamente ao freguez :

— 6 kilos... 4 é para a quebra...

O seringueiro nunca reclama contra esta decisão, que importa n'uma verdadeira extorsão.

Mas quem déra que só nas *quebras* se arranjasse o negociante!...

E' nas pesagens, é no preço dos generos de primeira necessidade, é, sobretudo, no preço da borracha, que nunca elle diz qual é o verdadeiro na capital.

Quando o matuto trasteja e quer entrar nos altos segredos, elle puxa por uma *factura*, por uma *conta corrente* do patrão e termina falando em nome do *cambio*.

O matuto é credulo por indole; quando ouve falar em *cambio*, não faz a minima objecção; tem lá para si que isso é o nome de um sujeito muito poderoso que, lá do outro mundo, dá ordens para a baixa ou alta da seringa.

O seringueiro nunca tem *saldo* na mão do negociante, sempre tem *debito* no livro.

O negocio faz-se mais ou menos como este que vamos presenciar, apesar de ser em ponto pequeno.

O *Zé-Taquary* caminhou para o balcão, molhando o lapis na saliva da lingua, e tomando um pedaço de papel, disse :

— Que precisas, ó *Quaxinim*?

O matuto, ficando os cotovélos no balcão e amparando o rosto com as duas mãos, pôz-se a olhar para as prateleiras.

— E' verdade, perguntou o taberneiro como que recordando-se d'alguma coisa, como vae o thio Manéca?

— Quando eu vim, elle ficou p'ra decidir, — respondeu o rapaz, soltando um longo suspiro.

— Pobre velho!...

E começou o aviamento : uma véla de meia pataca, café, assucar, caxaça, pirarucú, xarque, farinha, « cêra de Hollanda » (na roça não se diz sebo de Hollanda, é obsceno), etc., etc.

Zé-Taquary, á medida que mandava entregar, tomava nota no papel.

Depois de fornecido, o rapazito voltou para casa, mas agora, como ia contra a maré, dava cada remada que roncava como o trovão.



Chegamos á casa do thio Manéca, o velho moribundo.

Se não fossem a pergunta e a resposta trocadas

entre o *Zé-Taquary* e o *Quaxinim*, ninguém suporia que ali estivesse um christão nas portas da morte.

Era uma casa de festa.

O café com buxa corria de hora em hora.

E' o costume da roça.

Quando os curandeiros declaram difficil a cura; quando elles dizem — já não ha esperança, mas para Deus nada é impossivel, — a casa do doente enche-se logo de gente, oito ou quinze dias antes de se lhe apagar a luz da vida; de sorte que, até que elle vá para a sua ultima morada, já não resta uma penna de creação no terreiro.

Aqui o defuncto nos custa caro por outros motivos medico, botica, armador e padre.... Lá, nada d'isso ha, mas ha os visinhos.

Como disse, parecia uma casa de festa.

As raparigas, sentadas ou deitadas em grandes *tupés*, contavam historias alegres e alegremente riam.

De repente apparece na porta do quarto do doente uma velha engilhada, esfregando os olhos com a costa da mão esquerda; cessam as risadas, todos voltam-se para ella como que interrogando-a; entre soluços ella balbucia :

— Eu bem disse que aquella *pirrula* não prestava... Antes elle tivesse tomado logo o « café-barão » que meu compadre mandou...

Isto foi interpretado assim — o homem morreu!

Houve um alarido enorme, gritos, imprecações, « ai Jesus », e outras lamurias.

o enterro

JÁ vistas uma trovoada, d'essas que, á tarde, costumam a desabar durante a mudança do inverno para o verão ou do verão para o inverno?

O céu escurece de repente, cahe uma violenta ventania sécca, sacode a rama das arvores, vae varrendo o chão e conduzindo pelos ares milhares de folhas cahidas.

Após a ventania, vem a chuva grossa e pesada.

De repente cessa tudo.

Passou a tempestade.

Ha grande silencio em toda a natureza ainda ha pouco emocionada.

Assim succedeu na casa do pobre velho Manéca, no momento em que elle rendeu o espirito ao Todo Poderoso.

Quando a velha assomou á porta do quarto do doente e disse ás visitas que estavam na sala, conforme ficou escripto na chronica antecedente : —
« eu bem disse que esta *pirrula* não prestava... antes

elle tivesse tomado logo o *café-barão* », — houve uma verdadeira tempestade de gritos, gemidos, soluços...

Logo, porém, veio a calma.

Cessaram as lagrimas e gritos.

Sómente aqui ou ali ouvia-se uma ou outra exclamação, como esta :

— Ainda á sexta-feira passada, faz hoje oito dias, elle pegou no seu *pindal*, aquelle que está acolá, e me disse — « minha velha, eu vou buscar um tucunaré pi... pi... pitanga... »

E a pobre velha desatou a chorar.

Um bando de soluços embargou-lhe a voz na garganta.

Uma moreninha, que estava encostada a parêde, expremendo o nariz na saia, obtemperou :

— E' mémo; e para prova é que ahi está a ultima cabeça do bichinho.

E era exacto.

Os caçadores e pescadores dos rios têm por costume conservar as cabeças de paca e de tucunaré, mettendo-as entre a palha do tecto e a ripa, sobre o fumeiro.



Começam os preparativos funebres.

Depois de lavado o cadaver, foi collocado, no meio da sala, sobre um grande *tupé* de talas de muruty.

N'este momento sóbe o *Quaxinim* sobraçando um Crucifixo, embrulhado n'uma toalha.

Ao collocal-o sobre uma banquinha muito tosca, obra da propria enchó do velho Manéca, disse á velha :

— Aqui'stá; disque o Christo é p'ra voltar logo depois do enterro, porque thia Thomazia disse que vuncé sabe que elle está se festejando.



O leitor, certamente, que nunca viu se festejar o Christo, lacerado, ensangentado e pregado n'uma cruz de madeira, saiba agora que, em muitos logares do interior, o Martyr do Golgotha é festejado estrondosamente com foguetes, tiros de rouqueira, bailes depois da novena, ceia na vespera, almoço e jantar no dia da festa.



O vehiculo funerario é uma pequena montaria com tolda de palha de bossú.

Ao som de grande e pungentissima choradeira, embarcaram o corpo do velho Manéca e o collocaram em baixo da tolda, vestido com a sua calça de lustrim e camisa de caniculo.

Cruzaram-lhe os braços macilentos sobre o peito e amarraram-lhe as mãos com um pedaço de nastro.

Metteram-se todos na pequena embarcação, as velhas com os olhos vermelhos e lacrimosos, as moças com a cabeça adornada de jasmin de Cayana e de açucenas.

A canôa deslizava ao som da maré...

Comquanto aquella pequena caravana fluvial apresentasse a melancolica apparencia de um quadro mortuario; comquanto aquella gente conduzisse para a sua ultima morada o cadaver de um velho que gozava do respeito de toda aquella circumscripção; comquanto todos ali estivessem compenetrados de que desempenhavam uma commissão cheia de tristeza, a viagem era uma pandega, como vulgarmente se diz.

Cada qual proferia um dicto picante, d'aquelles que só o matuto sabe dizer e que, apezar de sua ignorancia, contém no fundo um fim malicioso.

De instante a instante, corria a *cana* de pôpa á prôa.



Chegaram emfim, a uma ladeira, na margem direita do rio, á qual subia-se por uma escada rasgada na propria ribanceira.

Collocaram o corpo do velho em uma rêde de fio, atada a uma taboca e posta aos hombros de dois homens, e o conduziram para o cemiterio, por uma estrada aberta no meio da matta virgem.

Na occasião que passavam por um sitio mais escuro, onde a matta era mais espessa, repercutiu um sibilar agudo, soltado por garganta de ave extranha : *quin-quin-ó*.

Quaxinim metteu o coice da espingarda, ao hombro e vociferou :

— Vae agoirar teu avô, bichinho desgraçado.

O *quin-quin-ó* é um passaro completamente negro. Só habita as grandes mattas de terra firme.

O seu canto, — se canto se póde chamar a umas notas compassadas de lamentação, — é triste e monotonico.

Ha logares em que a gente fica atormentada com o solfejar melancolico, que de todos os lados nos entra pelos ouvidos, sem que com os olhos possamos distinguir os musicos que desferem taes notas : *fò-fò-quin-quin-ó, fò-fò-quin-quin-ó.*



Foi acompanhado d'essa marcha funebre que o enterro do velho Manéca chegou ao *Amparo*; este é o nome do cemiterio.

Era uma modesta capellinha em frente da qual alçava-se uma grande cruz de acapú.

Metteram o velho na sua cova sem mais cerimonia; e, depois de cada um ter deitado a sua mancheia de terra, o *Quaxinim* murmurou esta oração funebre :

— Dorme á vontade no teu buraco, meu thio; é mais um que deixa de comer farinha.



A ladainha

NUM bom observador encontrará n'este Estado, sob a denominação de « religião catholica », duas religiões bem distinctas : uma, a religião dos padres, um reflexo dos ominosos tempos da edade média, em que o clero dominava as nações e o papa governava o mundo; religião que tem por principio a impostura e por fim o fanatismo; religião da politiquice, que, á custa da ambição de alguns e da ignorancia de muitos, serve para collocar o padre em preponderancias perniciosas ou para enrical-o á sombra e na placidez da mais santa das ociosidades; religião da perversidade, pois que, diametralmente opposta ás doces e humanitarias doutrinas do Divino Mestre, ella planta a discordia e desgosto no seio da familia e conturba a sociedade;... a outra, é a religião do povo, que tem por effeito adoçar as agruras da vida, derramando a alegria e o prazer após as fecundas fadigas do trabalho; religião que não co-

nhece, por inuteis e insensatos, o martyrio, as mortificações corporaes, o jejum e... o confissionario, essa estupenda invenção loyoliana para explorar ricações toleirões e depravar donzellas incautas; a religião do povo que procura conviver com Deus no proprio ambiente que respiramos e crear um paraizo de delicias n'este « Valle de lagrimas »; religião consoladora e divertida.

Cumpre, porém, que eu me deténha no declive perigoso em que ia-me despenhando.

Simplez narrador das coisas que vi, n'esse convívio festivo e realmente humano da gente da roça, eu não devo, sem grave desobediencia ao programma que me foi traçado, metter-me n'essas questões transcendentales, que nos levam a gyrrar n'esse mundo de tollices chamado metaphysica.



Para o roceiro tudo é motivo de uma « ladainha », e n'isso encerra-se toda a sua religião.

Se vae plantar uma roça, se assenta a cumieira de sua casa, quando vae para *as ilhas*, quando volta *das ilhas*, etc., etc., eis ahi a cantar-se a ladainha.

Tambem não ha ladainha *em secco*.

Ella se compõe d'estes elementos essenciaes : a réza, a dança e a ceia.

Vamos assistir uma.

O motivo é o seguinte : no campo pegou fogo uma

casa, a que chamam retiro, ficando tudo reduzido a cinzas, excepto uma imagem de S. Sebastião, que d'ahi foi conduzida para o sitio onde nos achamos.

A réza é na unica sala da casa, defronte do oratorio fixo á parêde.

Os cantores são o « tiple », o « tenor », o « barytono » e o « basso » que é chamado « o capitulante », um preto alto, de testa luzidia, o unico que em toda essa rédondeza sabe a ladainha.

Enfileiram-se os « musicos » defronte do oratorio.

O « latim » recitado pelo « mestre Nicoláo » (o capitulante) é uma coisa inconcebivel; não tem uma só palavra que se pareça com o velho idioma de Cicero.

Depois de tossir, escarrar e concertar a garganta, começa o « capitulante » :

— *Disa disetorium m'entendé, dominé, joanix de fustiné.*

— *Gloria Padre e do Filho Espirito-Santo.*

— « Apre Dominum nostro, infundé premdam Christe, reportorio côr do Fidelis ».

— « Amen » respondem os outros.

Rompe então a cantarola.

Os quatro cantores apresentam o quadro mais exotico, que se possa vêr em quadros vivos : este tem os olhos fechados, aquelle fitos no tecto; um faz uma carêta, outro tem duas veias enormes no pescoço.

Depois d'esta introduccão, segue-se a ladainha, em que toma parte a mulherada.

Dizem os cantores :

— « Santa d'Eugenio triz, óra per nobis ».

As mulheres, com toda a força de pulmão, ber-
ram :

— « Mette acalca, óra per nobis ».

« Espeta na justiça, óra per nobis ».

« Regina lábia concéta, óra per nobis ».

Em seguida vem a « jaculatória », que sempre se
refere ao « santo », a que se canta a ladainha.

Com voz grave e cavernosa, rouqueja o « mestre
Nicoláo » :

— Sabastião
Santo de Deus amado,
Fugiste do campo
P'ra não morrer queimado.

Terminada a ladainha, todos se comprimentam
com grande cordialidade :

- Bôa noite, seu Manduca.
- Deus lhe dê as mesmas, seu Grigorio.
- Sua bença, thia Chica.
- Deus te crie p'ra bem, Annica.

A sala do baile é a mesma da réza ; porque o ora-
torio já está tapado com um panno encarnado.

As moças estão sentadas em grandes *tupés*.

Os homens, em compridos bancos de madeira.

Os *tocadores* são tres : uma rabeca, uma viola e um cavaquinho.

Já começam a afinar os instrumentos — tom, tim, bão, rim, ram...

Estalam as cordas, rangem as cravelhas...

Vae começar o pagode...

Mas, leitor, é bom deixarmos o pagode para outro dia.

.



VII

§ pagode

PERMETTI-ME assim chamar, seguindo a denominação vulgar, ao que lá, no sitio onde me achava, elles chamavam o *balho*.

Deixei o meu amavel leitor exactamente no momento em que terminava a ladainha, em que saudavam-se cordealmente, em que começava a correr o café com ovo e a *mucura*, e os *tocadores* afinavam os instrumentos.

Estes eram, conforme também deixei dito, um violão, uma rabeca e um cavaquinho.

Por entre as risadas das moças e os palavreados bréjeiros dos rapazes, ouvia-se o confuso ranger das cravelhas e a vibração das cordas.

D'ahi a momentos, começou a formar-se a contra-dança.

Os homens se collocaram em ordem no meio da sala, e as mulheres, que se achavam sentadas no tupé, fôram-se levantando e tomando para par o *cavalheiro* que lhes cahia em gosto.

Todos se achavam calçados, engravatados, porém em manga de camisa.

Entre elles sobressahia um rapazola dos seus vinte e vinte e dois annos, esbelto e extraordinariamente desembaraçado.

Chamava-se Silvestre; sabia ler, escrever e contar; era um *moço ladino*, como diziam em toda a ilha.

Quando está rompe não rompe a musica, apparece o dono da casa, e olhando com ares de autoridade, pergunta :

— Já estão formados? Onde está o marcante?

— Está ahi na cabeceira, respondem-lhe; é o *seu* Selivestre...

— Tá bom, tá bom; isso sim; ninguém marca tão gostoso um brinquedo como o Selivestre.

Este, ao lado de uma bochechuda tapuinha; ficou todo tufado, mettido na sua calça e camisa tão aniladas, quenão se sabia si eram de panno branco ou azul.

Alegre, procurando communicar o seu prazer aos seus hospedes, o dono da casa passa a mão n'uma mulher de meia edade e pôz-se em frente do marcante, dizendo :

— Vamos, minha velha, dançar de *bizavis* com o Selivestre; tu verás que gostozeira...

A *velha* do dono da casa, a thia Quiteria, era uma cabocla alta e sympathica.

Vestia uma saia de chita encarnada, uma camisa de cambraia bem anilada, com grandes mangas fôças, cujos punhos eram presos no meio do ante-braço por uns botões de oiro.

Das orelhas, pendiam-lhe um par de enormes botões tambem de bom ouro portuguez.

Estes pesadissimos sinos, permitti-me assim denominar-os, pois outra denominação não encontro, já estavam presos ao setimo buraco, porque já seis haviam rompido, deixando a orelha da cabocla em facho.

Em sua mocidade ella os collocou, e só d'ahi sahiam, quando, com o proprio peso, desabavam, partindo-lhe a orelha.

Fazia-se então novo furo e eram guindados para a sua torre ambulante.

Pela semana santa ou quando ella estava de lucto d'algum parente, cozia sobre elles um pedaço de panno preto.

Chamavam-n'a — a *brincuda*.



Rompe a musica; começa o *revira*.

O marcante. com voz cantada e o corpo meneiando ao som da musica, brada como um capitão mandante :

— *Balancê!*

— *Tour!*

— *Anavan quatro.*

— *Dama passa, cavalheiro resta!*

— *Balancê co'a dama contraria!*

— *Tour!*

— *La mème chose!*

— *Os que não dançaram!*

Dança-se na roça conforme a boça do marcante.

Como o leitor está vendo, a marcação é um embroglío; mas o caso é que todos comprehendem e é o quanto basta para se divertirem.

Os musicos estão-lhe absolutamente sujeitos. Quando elle está marcando, semelhante a um regente de orchestra, passeia o seu olhar por sobre os dançantes, ora para a direita, ora para a esquerda.

— *E' de ringodò!*

— *Voam as pombinhas!*

— *Saltem os machacazes!*

— *Caminho da roça!* Todos põem as damas para traz, agarrando-as com os braços por cima dos hombros, como quem leva ás costas um aturá de mandioca, e vão caminhando uns após outros. De repente, o marcante, como uma surpresa, grita :

— *Olha cobra!* Todos voltam immediatamente, fazendo o mesmo caminho já ao contrario.

Começa depois o *furta-pares* e outras coisas, que levam ás vezes uma quadrilha até de manhã.



N'este momento, chega uma figura importante : é o tocador da harmonica, que, também, no districto, goza da fama mais invejavel.

E' rival do rabequista. Sempre andam em questões. Este diz que a sua harmonica de nada vale, porque sempre toca a mesma coisa.

O homem da harmonica diz que o seu instrumento

não é enfadonho, não precisa afinar, não quebra cordas, etc., etc.

— Com'antão, tio Chico, vumcê não me convidou para a sua brincadeira? — disse elle dirigindo-se ao dono da casa.

— Uai! antão tu não ouviste tiro de rouqueira?

O roceiro não faz convites : um tiro de rouqueira ás 5 horas da manhã, outro ao meio dia e outro ás 6 horas da tarde, eis o quanto basta para, á noite, encher a casa de gente.

Por isso, o tio Chico disse muito bem :

— Uai! antão não ouviste tiro de rouqueira?



Depois de algumas palavras trocadas entre o rabequista e o tocador de harmonica, vae começar, como ordinariamente se diz, *o melhor da festa*.

E' o *lundum*, mas um *lundum* chorado e cheio de *desafios*.

Ora, eil-o que principia.

Emquanto a harmonica soluça em notas dengosas, a rabeca geme suspirosa soltando lamentos de fazer a gente também gemer.

O da harmonica :

« Menina da saia verde,
Menina do zólho grande;
Apanhe lá este beijo.
E em troca outro beijo mande. »

O da rabeça :

« Menina, minha menina,
Me venda scu passarinho;
Se o preço fôr muito caro,
Não mecha o bicho do ninho. »

As raparigas escorregam sobre o *giráo*, e os rapazes sapateiam ao som da musica.

O da harmonica :

« Por mais que se bóte pedra,
Por mais que se bóte caco,
O tatú quando é famoso,
Não esquece o scu buraco. »

O da rabeça :

« Não esquece o seu buraco
O tatú quando é famoso;
Cava aqui, cava acolá,
E' sempre bicho manhoso.

O da harmonica :

« Cachorrinho está latindo
Para a banda do chiqueiro
Cala a bocca, cachorrino,
Não sejas mixiriquero. »

O da rabeça :

« Lá vem aurora do dia
Tingindo o céo d'encarnado;
Meu bczinho, dê gemada
P'ra o cantor, que está damnado. »

E, realmente, lá vinha surgindo a *aurora do dia*, quando eu punha o ponto final n'esta chronica.

Devaneio

SEM o costumado — *Avant-Propôs*, — sem um prologo ou uma carta de apresentação d'algum litterato conhecido, atirei estes ligeiros escriptos aos vae-vens da publicidade, como o pescador descuidoso que se arroja á mercê das ondas revoltas, em fragil montaria.

E' que a mim não me assaltam vãs pretensões de gloria e nem me occorre a idéa de que estes pobres escriptos tenham maior perdurabilidade do que aquella que lhe está marcada e circumscripta ao dia sómente da apparição d'*A Provincia do Pará*.

Hoje, que já me vejo insensivelmente muito adelantado n'esta innocente tarefa e que deante de meu olhar ainda lobrigo uma longa extensão a percorrer, quero expandir os adejos de meu espirito n'essas recordações, sempre queridas, da vida passada longe da cidade, longe dos odios e das intrigas, longe das ambições insaciaveis.

O homem, os poucos dias que vive n'este desterro, passa todo preocupado em busca da *felicidade*.

A felicidade, entretanto, esquiva como a sombra, fôge de seus braços no momento mesmo em que elle suppõe possuil-a.

O meio mais ordinario empregado pelos homens civilisados para obter a posse da felicidade, é accumular riquezas, é adquirir o que se chama *fortuna*.

Está provado, porém, que no dinheiro amontoado não consiste a felicidade.

O dinheiro, quando o seu possuidor nãe é avaro, (o que é raro) pôde proporcionar bôa mesa, bons fatos, facilidade de viagens; mas isso não torna a gente feliz.

Na sociedade vemos rapazes alegres, pandegos, que não perdem um só ponto de diversões, gozam de todos os prazeres; dormem profundamente sem sonhos perturbadores; e tudo quanto ganham, tudo gastam.

Estes são os felizes.

Um dia, porém, um d'elles consegue, por méra casualidade, ter no bolso um conto de réis...

Não gasta mais um vintem! quer 2, quer 3, 4, 20, 100 contos!...

Entra a ambição em seu coração.

Eil-o cheio de cuidados.

Abandona os divertimentos.

Fôge das bôas amizades.

Tem o somno curto.

Desperta fazendo calculos.

Se um amigo o procura, elle fica todo desconfiado; pensa que lhe vem pedir dinheiro emprestado.

Emfim, o homem é rico.

Mas é feliz?

Não!

Desde ás 5 horas da manhã até ás 10 da noite, vive vestido rigorosamente, com os pés cheios de calos, mettido pelos escriptorios...

Isto é felicidade?

Não!

Finalmente, adoece do estomago; lá vae para a Europa, quando já não é tempo, fóra dos carinhos da familia, fóra dos amigos, fóra do logar onde passou a infancia; lá vae gastar estupidamente, com medicos e aguas mineraes, aquillo que tantos cuidados lhe custou e foi o objecto de sua.... desgraça.



Oh! meu caro leitor, posso exclamar como o grande mathematico-*Eureka!*

A felicidade, achei-a eu.

Ella não está longe; ella não custa caro...

Uma barraquinha de palha, no meio de milhares de assahyseiros, cacaoeiros, seringueiras, etc. etc., eis o ninho da mais feliz bonança, onde não chegam o vozear das ambições mercantis, nem o veneno das intrigas.

Depois de passar alguns dias enfadonhos na capital, tomo qualquer vapor da navegação fluvial, e quando entro na bahia de Marajó, minha alma se remoça, meu coração pula de contente.

Por sobre as aguas turvas do Amazonas, ou das ondas azuladas do Tocantins, vão surgindo, como por encanto, milhares de ilhas, tão bellas e tão faceiras, que fazem a admiração de todos quantos, como eu, se embevécem nas maravilhas da Natureza.

E' n'uma d'essas ilhas, onde actualmente me acho, que pretendo fazer o meu leitor passar um dia, afim de assistir a uma pescaria chamada *tinguijada*.

Hei de ter o prazer de vêl-o completamente esquecido da cidade e proclamar que encontrou a verdadeira felicidade.

Se soffrer de dyspepsia, como é natural, verá o seu appetite voltar com tal voracidade, que não terá mais vontade de abandonar a bella redinha de fio de algodão, que lhe será offerecida, em plena ventilação e na mais santa ociosidade.

O peixe, ainda batendo o rabo, é atirado á braza; a caça ainda palpitante, é sacudida na panella; e não se usa d'outro adubo a não ser o sal, o limão e a pimenta cheirosa.

Só com a noticia, já vejo o leitor engulindo a saliva...

Mas não é só isto : aquillo que faz as delicias do nosso sexo, aquillo que, na cidade, tanto dinheiro nos custa e que, ainda em cima, tanto prejuizo nos causa, lá não falta.... e que pombinhas! Os prazeres não custam dinheiro e não são fingidos.... Quasi como na *ilha dos amores*.

E por isso, eu penso com o poeta :

« Mais vale exp'rimental-o que julgal-o ! »

Preparativos

Achamo-nos em uma casa de vivenda do interior do Estado, assente á margem de um pequeno rio, com frenté para o nascente.

Ao norte, desce uma tacaniça para defendel-a dos temporaes, e onde antigamente, existia o oratorio da devoção da familia.

Não é uma habitação de pobre, propriamente dita.

Hoje, em baixo d'essa tacaniça acha-se o deposito de *parys*, rêdes de lancear, frechas, arpões, espinheis, caniços, linhas e outros mais utensilios piscatorios.

A casa tem, em toda a sua extensão, na frente, um *copiar*, que se fecha em occasião de chuva, por sanefas feitas de jupaty.

E' toda cercada de grandes arvores, que o vento geral do mez de setembro está fazendo dansar ao som da orchestra de mil passarinhos.

Sobre a ponte, ha uma velha samaumeira cheia de ninhos de japiins que, desde pela manhã até á noite, fazem uma algazarra infernal.

N'uma rêde branca, atada na varanda, cujos *ésses* das escapulas estão rangendo como piriqritos na comedia, acha-se embalando, de papo para o ar e de pernas trançadas, o sr. Manoel João, olhando para o tecto.

A rêde tem largas varandas, no centro das quaes enchergam-se as armas brasileiras da antiga monarchia, em *cacundé*.

Em baixo da rêde está um jornal, *A Provincia do Pará*, dobrado em quatro; em cima do jornal, uns oculos de grandes cangalhas de latão e um comprido cachimbo com seu bocal de penna de pato, junto d'uma caixa de phosphoros marca *Girafa*.

N'este momento apparece uma moreninha, saia curta até aos joelhos, braços reliços, nua da cintura para cima, com uma chicara de café na mão.

Eis porque o tenente-coronel (era o posto que o Conego lhe havia conseguido em sua ultima viagem á corte), o sr. Manoel João, tirou do nariz as cangalhas, dobrou a gazeta e arrumou em baixo da rêde o seu inseparavel *taquary*.

Sobre este personagem typico dos homens da roça, direi que já ha tempos despediu-se de sua rapaziada; mas ainda está muito longe da decrepitude.

E' mais feliz do que o imperador o era antes do banimento; mas nunca chegou a ser barão, nem mesmo nas enormes fornadas dos ultimos dias do imperio, que Deus haja.

Não se pôde perfeitamente determinar o seu genero de vida; pois elle é meio-roceiro, isto é, tem roças

na terra firme e fábrica de farinha d'agua; é meio-cacoalista, porque possui na varzea e na ilha 20 a 30 mil pés de cacoeiros; é meio-seringueiro, porque no verão applica-se ao córte da borracha; finalmente, é meio-negociante, porque ahi, em sua casa de vivenda, tem um pequeno negocio manhoso, para o qual o collecter da villa faz-se vesgo, e cujos *aviamentos* lhe remette a casa *Fanéca*, em facturas nunca maiores de 200 a 300\$000.

O tenente-coronel, por seu espirito caritativo, tem um batalhão de curumins e tapuinhas, todas suas *crias*, e emprega toda essa gente, ora no fabrico da mandioca, ora na extracção da borracha, ora na colheita do cacáo, na pesca e na caça tambem, para a manutenção commum.

— Mas, ó diabo! exclamará o leitor, já bastante arreliado; — onde está a *tingujada*?

Tem razão.

Eu prometti-lhe um dia delicioso; eu prometti mostrar-lhe a mansão da felicidade; e, entretanto, o que lhe tenho mostrado até agora é o sr. Manoel João e a sua casa.

Mas, tenha um pouco de paciencia.

Nós vamos caminhando para lá.

Necessario era fazer este conhecimento com o chefe da expedição, ou, falando como um homem de letras, o protogonista do romance.

A *tingujada* é como uma batalha.

E' preciso dispôr as coisas, de modo a não ficar burlada.

Uma semana antes, fazem-se planos verdadeiramente estrategicos, afim de ter bom exito; pois os habitantes do elemento liquido tambem lá fazem os seus calculos, afim de inutilizarem a zagaia e o *matapy*.

Muitas vezes o peixe cóspe na isca; muitas vezes a tarrafa vem do fundo sem trazer um mandihy; muitas vezes um cardume de tainhas zomba da cambôa e deixa o pescador com agua na bocca.

Ora o pescador *panema*, é a peor coisa d'este mundo de Christo.

Uma *tinguijada* não se faz em qualquer dia nem a qualquer hora.

E' preciso que a maré seja *tepacuema*, isto é, que dê a baixa-mar exactamente ás 6 horas.

O igarapé, onde tem-se de fazer a *tinguijada*, é preparado de antemão, e em linguagem technica diz-se — *concertar o igarapé*.

E' por isso que o sr. Manoel João estava, de pernas trançadas, olhando para o tecto.

A *tinguijada* requer grandes despezas; é, pois, necessario que ella dê resultados.

Acabado de beber o seu café e entregando a chicara á tapuinha de seios nús, elle chamou :

— O' Caiáíára!

— Nhó! respondeu um tapuinho piróca.

— Qual igarapé concertaram?

— Foi o *Pixuna*.

— O *Pixuna?* e porque não concertaram *Maria Grande?*

— Porque os marvados já foi lá botá assacú....

— Ahn!....

E começaram na faina.

Grandes rôlos de *parys* de 15 palmos de altura foram atirados para o tendal afim de serem convenientemente examinados.

Revistaram-se as zagaias; prepararam-se os *uricás*.

E depois, em uma igarité, metteram umas duas duzias de paus de timbó-assú, do verdadeiro, que só cresce nos campos do Cupijó.

O famoso ataque aos valentes tucunarés e sagazes jacundás é na madrugada do dia seguinte.

Eu gosto da vida assim
Gozada sem dissabores,
Comendo peixe na folha,
Juntinho de meus amores.

Diabo leve a cidade
E quem por ella tem bóssa ;
Se ha vida que seja vida,
E' só a vida na roça.



X

A tinguijada

MEIA noite.

O Sr. Manoel João tossia no seu quarto, escarrou, bateu a cabeça do cachimbo no taboado....
tó, tó, tó.

A maré fazia préa-mar.

Sahiu para a varanda com a cabeça envolvida em um largo lenço encarnado, que lhe fingia um turbante musulmano.

Quatro cães magros, abanando a cauda e murchando as orelhas, faziam-lhe caricias em roda das pernas.

De um grande *sacco de isqueiro*, tirou a pederneira, o fuzil e a tabóca da isca de tracuá; petiscou fogo — *tic, tic, tic*, — e accendeu o cachimbo, recendendo logo o fumo odorifero de excellente tabaco *tic-terra*.



Parece que o leitor ha de querer-me accusar de inverosimil, por isso que na chronica antecedente,

quando travamos conhecimento com este mesmo sr. Manoel João, o que foi hontem ainda, elle fazia uso de phosphoros da marca *Girafa*.

E como agora já o vemos com o *sacco do isqueiro*?

Saiba o bondoso leitor que n'estas singelas narrativas não ha nada de inverosimilhança; tudo é verdadeiro, tudo é natural.

O meu fim, n'este innocente passa-tempo, é reproduzir o que realmente existe; não deturpo o que vejo, nem invento coisa nova.

A industria de além-mar, que, a principio, nos enviou aquelles enormes e insuportaveis *palitos* de enxofre, mettidos em caixa de papelão verde, tendo na tampa uma aguiã com as azas abertas, os quaes, ao serem riscados, produziam uma chama azulada e um cheiro irritante; e que depois nos mandou essas mil variedades de phosphoros, que têm feito a fortuna de muitos benemeritos protectores da pobreza, começando pelo *Garantido*, o primeiro que os vendeu a 20 reis a caixa, nos bons tempos em que o dito *Garantido* era o *Fama de meia duzia*; a industria da Europa civilisada, digo, ainda não conseguiu abolir completamente o uso do *sacco do isqueiro*.

E não o conseguirá tão cêdo....

O phosphoro, que é de grande commodidade para o habitante da cidade, para o elegante fumista, que o traz bem acondicionado na algibeira do frak, junto da delicada tabaqueira de couro da Russia, torna-se quasi sempre inutil ao habitante do matto, a esses homens que vivem em contacto com a Natureza e

sujeitos a cada momento aos seus desafôros, sobretudo o pescador que anda continuamente entre a agua do rio e a agua do céu.

Se elles, os roceiros, estão sempre molhados e a sua propria canôa muitas vezes é obrigada a mergulhar como um pato, de nada lhes serve o phosphoro....

O *isqueiro* toma chuva de inverno durante uma semana, e não nega fogo.

Se acontece a canôa do roceiro alagar-se, o que é muito commum, lá mesmo, no fundo d'agua, o aço de bôa tempera bate na pederneira — *tic, tic, tic*, — e logo fâisca fogo....

Eis porque o pratico e previdente sr. Manoel João, indo para uma *tingujada*, enfiou no braço o seu velho *sacco do isqueiro*....

Vê, pois, o leitor, que não sou como esses romanistas phantazistas, que tiram da cabeça coisas incriveis para intrigarem os seus leitores; nem me pareço tam pouco com esses genios da poesia elevada, que creando factos sobrenaturaes, fazem o maravilhoso das epopéas.

Se com alguma coisa me posso parecer, é com o descuidoso, pintor de paizagens, que, com o *crayon* e a palheta na mão, sentado n'um tóco de páo em meio d'uma campina ou á margem d'um regato, copia a Natureza.

A minha imaginação nada produz, eu copio apenas.



De sorte que, quando vinha rompendo a aurora,

chegava o tenente coronel com um grande comboio ao igarapé *Luiza Grande*.

O Caiáíara e mais outros curumins estavam vigiando a *tapage*, que havia sido lançada á meia noite, com a préa-mar.

O primeiro tucunaré assú que bateu, voou por cima dos parys.

— E' a *mãe* d'este poço, disse o sr. Manoel João, desapontado.

E' este bruto que me quebrou o *pindal* á semana passada.

E para prevenir novos desastres, collocaram as montarias ao lado da *tapage*, da parte de fóra.

Esbarrou um cardume de tucunarés-pitangas, os mais bellos que tenho visto; pareciam palhetas de ouro movendo-se dentro d'agua.

Assim que reconheceram que estavam presos, recuaram a uma pequena distancia e começaram a voar todos ao mesmo tempo.

Parecia um bando de passarinhos dourados.

Mas, então, já estavam as canôas para recebê-los em seu bôjo....

Emquanto o sr. Manoel João esfregava as mãos de contente, contemplando os peixes a pererecar no porão das canôas, a tapuinha de seios nús, aquella mesma que vimos com a chicara de café, apanhava accendalhas no matto e ateava uma grande fogueira.

Começava, entretanto, o trabalho da *tingujada*, essa matança prejudicial de enormes quantidades de peixe por meio do veneno chamado *timbó*.

Ha diferentes qualidades d'este vegetal : o *timbó de Cayana* que é um arbusto de folhas miúdas, e o *cunamby*, tambem um arbusto de folhas largas, só servem para apanhar peixinhos insignificantes, em igarapés extremamente pequenos.

O *timbó-assú* é um cipó de mais de trez pollegadas de diametro; é empregado nas grandes *tinguijadas*, em igarapés como o Apelú e mesmo de maior profundidade.

As auctoridades municipaes do interior exercem constante pórem baldada vigilancia sobre o seu uso.

O igarapé onde é feita esta pescaria, fica inutilisado por muito tempo, e durante uma semana, não se póde por ahí passar com o máo cheiro do peixe pôdre, porque os pescadores abarrotam as canôas e deixam o resto á tona d'agua.

Começou a faina.

Grandes tóros do cipó venenoso eram triturados a pezo de buraçanga, envolvido o caldo com agua e lama e espalhado em toda a extensão do igarapé.

Começou o peixe a boiar, e todos empregavam-se em apanhal-o.

Apanhar o mais depressa possivel, pois o peixe vem á flôr d'agua e desce logo ao fundo para morrer.

Para isso, as mulheres servem-se dos *uricaes* e os homens da *zagaia*.

E' preciso, então, muito cuidado com as *arraias*.

Ora, n'este igarapé, havia grande abundancia d'este peixe.

O *Caiáira* já havia prevenido o tenente-coronel

que não saltasse fóra da montaria, — porque, disse elle, arraia é disconforme!....

O *Caiáára* é curado, por isso, já tinha pizado em muitas d'ellas, sem lhes sentir o ferrão.

O sr. Manoel João, porém, ficou com aquillo na cabeça: mas, enthiasmado com os peixes, saltou mesmo no meio do igarapé.

De repente, estrondou pela matta um grito de baixo profundo, como no *Miserere* do *Trovador* :

— Ai! Jésós! ai!.... ai!.... quem me acóde... Jé-sós!.... ai!.... arraia me ferrou....

Era o sr. Manoel João, que estava estirado no tujuco. Carregaram-n'ó, e elle sempre a berrar.

Metteram-n'ó na canôa, e elle sempre a berrar como um garrote.

Levaram-n'ó a braços para terra, e elle a berrar, a berrar....

— Venha o garrafão! gritou uma voz.

— E' verdade, disse o *Caiáára*, e a gente aqui com frio....

A tapuinha, que havia enrolado a saia entre as pernas, em forma de calção, abaixou-se para vêr a *férrada*.

— Onde catú, titio?....

— Lá.... ahi.... acolá.... ai! Jé-zoz! dizia o velho, apontando com o dedo o tornozélo e virando o rosto para outro lado, para não vêr o sangue.

A tapuinha esfregou com o dedo indicador o logar

apontado, mettu o dedo na lingua, tornou a esfregar... e nada de ferrada.

— Uai, titio, aqui não tem nada!...

O velho então endireitou-se, olhou bem para o logar, apalpou e, voltando-se para os circumstantes, diz com uma cara de cabo de esquadra :

— Parêsqe errou namasque....

Quá, quá, quá.... foi uma gargalhada geral.

— Mêdo não é cuia, disse o *Caidiára*.

— Nem marimba que preto toca, respondeu o velho já satisfeito.



A Evára

MISTURADOS com o sibilar agudo dos grillos, que se escondiam sob as folhas seccas do cacoal, ouviam-se os ultimos assobios do João, melancolicamente vibrando atravez da matta.

— Já vae!... murmurou a velha Dorothea, alongando olhares tristes e inquietados pelo caminho, por onde havia desaparecido o João, o seu querido João, o unico filho que lhe deixára o seu velho Manoel Antonio, o unico arrimo que restava-lhe na vida trabalhosa e isolada, que levava.

— Já vae!... repetiu ella com amarissima expressão.

E continuou :

— Meu Deus, o que hei de fazer para acabar este encanto, que está virando a cabeça de meu filho?!...

Recolheu-se ao seu quarto, abriu um oratorio velho, onde achavam-se aboletados alguns santinhos de madeira, accendeu uma cêra benta e pôz-se a murmurar o *Creio em Deus Padre*.

Depois ergueu-se; (pois ella estava de joelhos) foi á cosinha, apanhou uma cabeça d'alho e, machucando-o entre os dédos, enveredou pelo mesmo caminho, por onde havia desaparecido o João, o filho querido de suas entranhas.

E murmurava :

— Crédo em cruz; eu te desconjuro, tentação, etc., etc.

Mas, misturados com o sibilar melancolico dos grillos, ouviram-se os derradeiros assobios do pobre João, do João apaixonado, modulando a *módinha* cuja letra assim começava :

« Quem dá o seu coração
A' gente que não conhece,
Por mais penas que padeça,
Dobradas penas merece. »

O crepusculo vespertino ia então pouco a pouco dando lugar ás trevas espessas de uma noite sem lua, quando a desolada velha voltou, com os olhos marejados de lagrimas, completamente desesperançada de arrancar o seu infeliz filho dos laços da terrivel seducção, nos quaes havia sido colhido.

— Bôa noite, tia Dorothea, disse-lhe eu, em pé no seu pequeno tendal de assahyseiros.

A pobre velha, surprehendida, estacou e, esboçando um sorriso descontentado, respondeu-me :

— Deus lhe dê as mesmas.... Uai! *seu* Canuto, é *vuncé*?....

E, limpando duas enormes lagrimas com a sua propria saia, continuou :

— Vuncê ainda está moço.... é bonito....

— Isso é bondade sua, tia Dorothéa.

— é bonito tanto como o meu filho....

— Obrigadissimo, minha bôa velha.

— Não tem do que, returquiou ella fingindo um sorriso por entre as lagrimas.

E reatou :

— Não abuse muito; quando andar por estas paragens, sobretudo em canôa pelo rio, não deixe o seu roزاری de rezar....

— O que é, tia Dorothéa!...

— E' o que lhe digo. Olhe o João.

— E que tem o bom do João?

— Está com a cabeça virada.

— Isso é muito natural; elle entrou exactamente n'aquella idade alegre, que os tempos não trazem mais, em que as mães dizem que os filhos cheiram barra de saia.

— Não, senhor; o caso é outro; quem o déra que fôsse saia de gente; eu iria p'ra freguezia falar com o padre vigario; mas é.... que.... meu filho está perdido....

E conclue soluçando e gemendo.

Então, como eu lh'o pedisse, ella fez-me a seguinte narração.



— O João, quando não tinha ainda oito annos, foi *mundiado*.

— *Mundiado?*

— Sim; foi *mundiado* pelo bicho; vá ouvindo....

— Pelo *puraqué?*

— Não, escute.... Um dia, por volta das quatro horas da tarde, eu mais o João, fômos pegar camarão no *Igarapézinho*.

Emquanto eu estava entretida a puxar no caniço uns acaratingas, o João desapareceu.

Gritei : João! ó João! — e nada.

Depois de olhar para todos os lados, vi então que o João estava não longe de mim, debruçado sobre um pao que havia cahido, por cima d'um pequeno poço, no dito *igarapé*.

Elle ria e conversava não sei que e nem sei com quem, que parecia estar no fundo d'agua.

Chamei-o por tres vezes, e não me ouviu.

Fiz então o signal da cruz, gritando : em nome do Padre, do Filho e do Espirito-Santo.

O João levantou a cabeça, disse-me que não me ouviá chamal-o, que estava longe, muito longe, conversando com uma menina, que parecia um sol de formosura.

E poz-se a chorar.

Quando o João chegou aos 15 annos, não cessava de rondar a minha casa uma moça, linda, lindissima, mais linda do que a aurora!

Ali, — e apontou com o dèdo para o lado do *igarapé*, — ali, em cima d'aquelle meritizeiro que serve de ponte, ella costuma a sentar-se todas as noites de luar.

Seus olhos são como a estrella d'alva e têm raios tão brilhantes como o sol; seu cabello, basto e comprido, parece feito de oiro e tem quebras como o lago quando está encrespado. Seu rosto é branco como a lua; mas parece que a sua bocca e suas bochechas são feitas de rosa.

A's vezes ella canta, e a sua voz é mais terna do que a do sabiá.

O que ella diz é n'uma linguagem que eu não entendo; mas.... (e pôz-se a chorar e a gemer).... o João entende....

E depois continuou :

Quando a lua já vae sumindo por detraz da matta, desce uma nuvem branca como a prata.

Ella sóbe na nuvem a vae brincar com as estrellas.

Agora, que o João está entrando nos seus dezoito annos, ella não tem vindo; mas o João todos os dias, á bocca da noite, desaparece por aquelle caminho e só volta de manhã.

E' com a *Uyára* que elle vae....

— Com a *Uyára* ?

— Sim; o meu filho está perdido; o meu filho está p'ra ir para o fundo, encantado.

E desatou em choro.



— Vamos, tia Dorothéa, disse-lhe eu animando-a; vamos desencantar o rapaz; eu tenho remedio para isso, que me deu o sr, Bispo.

— E' certo! disse ella contente, levantando-se.

Pozemo-nos a caminho, por onde o João desapparecia todos os dias á bocca da noite.

O gallo tinha cantado pela terceira vez.

A lua, em quarto mingoante, já se balançava no espaço.

Havia na floresta sombras mysteriosas como phantasmas immoveis.

Depois de andarmos uma meia hora, eu lobriguei por baixo da matta, um rancho velho de palha, uma *tapéra* ou casa abandonada.

Deixei a velhar descansar n'um tóco de páo e fui examinar o rancho.

Causou-me especie vêr uma rede atada, com gente dentro.

— Oh!...

Um clarão de lua batia em cheio na rêde.

Espichei os olhos.

O João tinha nos braços a mais bella das moreninhas d'aquelle sitio, a Chiquinha, e ambos, na mais voluptuosa inconsciencia, se refastelavam nos braços de Morpheu.

Voltei devagarinho e devagarinho chamei tia Dorothea.

— Minha velha, como é que você me disse que a *Uyára* era branca como a lua, que tinha cabellos de oiro, que tinha labios e faces feitas de rosa?

— E então?!....

— E então?.... ella é morena, tem cabellos negros

e negros também os olhos... Venha vêr, venha vêr depressa.

Pelas mãos levei a velha e mostrei-lhe o quadro eroticamente seductor.

No dia seguinte estávamos na freguezia procurando o padre vigário.

Eu era o padrinho.



XII

§ encontro do Divino

UMA das festas mais pittorescas do interior do Pará, e aquella que é mais frequente nas regiões banhadas pelas azuladas ondas do formoso Tocantins, é o encontro de duas corôas, que se acham *às esmolas*, como lá dizem.

Cumpre-me, porém, antes de dar a descripção d'este divertimento, explicar ao leitor rapidamente, o que são essas corôas e as especies d'essas e suas categorias.

Hei de escrever tambem, em chronicas successivas, as varias festas que o povo do interior costuma fazer durante o anno, tendo por motivo uma corôa.

Essas festas, ordinariamente, denominam-se : *A recepção — O levantamento do mastro — O domingo de paschoa — A quinta-feira da Ascenção — O domingo dos foliões — O dia da festa — O encontro*, etc., etc.

Cada logarejo, quasi sempre, tem uma corôa. Es-

tas pequenas corôas chamam-se geralmente *Trindades*.

E assim diz-se : a *Trindade das Trincheiras*, a *Trindade dos Innocentes*, a *Trindade do Tapaucú*, etc., etc.

O *Divino*, porém, o grande e omnipotente *Imperio Real*, o façanhudo milagreiro que tem feito desaparecer ilhas em menos de cinco minutos, só porque se lhe recuzou pernoitar em uma casa qualquer; o temido e estrondosamente festejado *Imperio Real*, é representado por uma enorme corôa de prata lavrada, cravejada de pedras preciosas e cujos cinco arcos elegantemente recurvados, são rodeados de lindas pombas e bochechudos anginhos, tudo de oiro massiço.

No cimo da corôa. no ponto em que se enfeixam estes arcos pelas suas extremidades, acha-se um globo de bom oiro, a que o povo chama *o mundo do Divino*, e sobre este mundo, com as azas abertas, uma outra pomba, tambem de oiro, maior do que todas as suas companheiras.

Não quero fallar aqui dos estupendos e maravilhosos milagres operados pelo *Divino*; isso fica para outra occasião e quem sabe se eu poderei, só n'uma chronica. narrar todas as façanhas do famigerado santo?

Nossa Senhora de Nazareth... ora, qual!... Nossa Senhora de Nazareth fica-lhe a perder de vista... uma legua de distancia!...

O mais glorioso. porém, e tambem o mais temido

de todos os *Divinos*, é o *Imperio Real* que se festeja; com pompas e esplendores indescritíveis, na *heroica e invicta cidade viçosa de Santa Cruz de Cameté!*

A sua aproximação é annunciada com o estalar de altaneiros foguetes, o reboar de rouqueiras e tiros de espingardas...

Gallinhas e capões são agarrados no terreiro; o garrote e a vitelinha são laçados no campo; o capado é amarrado no chiqueiro...

Ovos para os *foliões*, frangos para o *mestre-sala*, flores para o *Divino*...

O *Divino* mexe todos os cantos, desde a fronteira de Goyaz até ao centro da ilha de Marajó.

Onde chega, leva a alegria e o consolo; por onde passa, deixa a limpa... limpa nos ninhos, nos curraes e nos jardins!...

O *Divino* é rico, muito rico, immensamente rico!

Todos os annos, após a missa cantada a grande instrumental e o segundo sermão do eloquente pregador no dia da festa, tira-se o peloiro por meio do qual a sorte designa o ente feliz que tem de ser *Imperador* durante o anno seguinte.

Ser *imperador do Divino* é uma fortuna; mas uma incomparavel fortuna!

Mas cheguemos ao nosso fim, isto é ao assumpto d'esta chronica — *Um encontro do Divino*.

Ora, pelas oito horas de uma bella manhã, approximava-se das aguas onde navegava a festiva canôa do *Divino*, uma pequena e modesta corôa de folha

de Flandres, — a *Santissima Trindade dos Turemas*.

Como dois navios de guerra inimigos, que se avistam á distancia de um tiro de canhão, os *foliões* das duas canôas, qual officiaes adestrados e impavidos, prepararam-se para o combate que ia ter lugar.

Nas mãos do *folião porta-bandeira*, na canôa do *Divino*, tremulava galhardamente uma formosa e grande bandeira de sêda encarnada, tendo no centro uma pomba branca.

Na pôpa da canôa, bafejada pelas brisas matutinas fluctuava uma bandeira branca mostrando uma corôa sustentada por dois anjos entre flocos de nuvens azues.

Alegres, as caixas, de parte a parte, annunciavam que o torneio estava travado.

As bandeiras, recortando o ar em forma de cruz, cortejavam-se mutuamente.

As duas canôas, impellidas por possantes remeiros, singravam as aguas.

Fendiam o espaço os foguetes.

Os *foliões* concertavam a garganta.

Havia grande reboiço em terra, na casa que ia gosar a dita suprema de ser o ponto do encontro.

Começou a *meia-lua*. A *meia-lua* é, sem mais nem menos, uma especie de regata.

A canôa da *Trindadezinha*, pequena e maneira, não tardou em vencer a do *Divino*, que era um grande escaler de toldo verde, tripolado por mais de vinte *promesseiros*.

Desembarcaram todos; e, uma vez em terra, depois

de muitas *goladas*, começou o desafio entre os *foliões*. Este certamen é que é decisivo.

Depende a victoria do *mestre-caixa*.

O *mestre-caixa* mais poéta é sempre o vencedor.

Ora aquelle que dirigia as *folias* da *Trindadezinha* era um famoso improvisador.

N'essa mesma manhã, antes do encontro, elle já havia feito proezas; parecia que estava com a *bossa* afinada.

N'uma casa, onde receberam a corôa n'um oratorio que só tinha uma imagem da Virgem Mãe, elle atacou esta *despedida* :

« Despedida, despedida,
Despedida em bôa hora;
Já se vae Santa Trindade,
Fiquem co'a Nossa Senhora. »

Em outra casa, onde collocaram a corôa por falta de oratorio, n'uma taboa pregada á parêde, e as moças, conforme é seu costume no interior, esconderam-se, espiando pelas gretas da parede, elle arrumou este bregeiro improvisado :

« Não canto p'ra ti, parêde,
Nem tu tens merecimeuto;
Canto p'ra aquella menina
Qu'está-me olhando de dentro. »

Pois bem : no desafio, que durou mais de duas horas, os *foliões* do *Divino* déram-se por vencidos e submetteram-se, com armas e bagagens ao famigerado cantador.

Este, radiante de gloria, cantou o seu triumpho
em um ultimo improviso, que foi como o hymno de
victoria :

« Encontraram-se as pombinhas
Com todos seus apetrechos ;
A nossa *Trindadezinha*
Botou o *Imperio* no queixo. »



Amores da Poça

Amoços da Roça



EM SCENA

Chamei a Musa a meu quarto
E lhe fallei aos ouvidos :
Pedi-lhe cantos alegres,
Pedi-lhe cantos sentidos.

Mostrei-lhe a formosa lista
De meus amores formosos ;
Uns — que só magas me deram,
Outros — dias venturosos.

Umás, que habitam na terra
E gozos inda me dão ;
Outras, que jazem, coitadas !
Debaixo do frio chão.

Começo, pois, a cantar
Os meus formosos amores,
Promettendo desbancar
Os melhores trovadores.

— Quero, eu disse, ó Musa bella,
Gastar lagrima ou sorriso,
Por umas, que estão no mundo,
Por outras, no paraizo.

Entra em primeiro logar
A minha linda Filóca,
Com seus olhos de matar
E cheirando a priprióca.



FILÓCA

Como eu disse no proemio,
A minha linda Filóca
Tem olhares matadores
E resçende á priprióca.

Mas, leitor, o que me matta
Não são tanto os olhos d'ella ;
E' outra cousa... Tu sabes.
Ai !... não sejas tagarella.

E' loira como um pombinho
Quando começa a empennar ;
Tem os labios vermelhinhos
Como a flôr a desbrochar.

Ella diz, mas eu não creio,
Que fui eu o ceifador
D'aquella candida flôr
Que ella guardava... no seio.

O que sei, já isso eu disse,
E' que a bôa da Filóca
Tem uns olhos matadores,
E trescala á priprióca.

BIBI

Como a florinha do campo,
Como o doido colibri,
E' singela, mas voluvel
A minha bella Bibi.

Passarinho — ella buscou-me
Por pensar que eu era *flôr* ;
Flôr — p'ra mim ella inclinou-se
Procurando um ceifador.

Mas os papeis se trocaram,
E beija-flôr eu me fiz ;
E puz-me a beijar com ancia
Esta florinha feliz.

Póde haver gloria no mundo,
Tantas riquezas haver ;
Nada me arreda, nem móve
Quando a Bibi quero ver.

Não ha gloria mais fulgente,
Que a gente á Bibi se unir ;
Nem ha riquezas maiores
Do que a Bibi possuir.

ANNINHAS

Anninhas não é d'aqui ;
E por sua f'licidade,
Nunca quíz vir á cidade
Esta meiga juruty.

Anninhas é do sertão ;
Ella nasceu n'uma aldeia ;
Tem a vóz d'uma sereia,
Tem de santa o coração.

N'uma estrada eu a encontrei
De lindas flôres coberta ;
Florinha de novo aberta,
Colhel-a logo busquei.

Anninhas é do sertão ;
Desabrochou na floresta ;
Florinha tenra e modesta
Que desfolhei em botão.



XIBITA

Desabrochaste nos jardins da vida
Ao som da orchestra de gentis cantores,
Risonha e linda, a trescalar olores,
Ai! flôr na terra para o céo nascida!

Apenas viste o fulgurar da aurora,
Ouviste apenas o trinar das aves...
Em sonhos ledos, celestiaes, suaves,
Rindo repouzas e minh'alma chóra.

Procuro, ó bella, suffocar no peito
Dôces palpites, que recordam gozos,
Dôces palpites de meus dias ditosos...
Mas eu não quero prophanar teu leito.

Ai! flôr mimosa para o céo nascida,
Que entre meus dêdos vi murchar no mundo.
Guardo no peito—qual penhor jucundo—
Gratos perfumes que me deste em vida.



A MINHA TRINDADE

(Parodia a Rãdamanto)

A saia, o charuto, o cópo,
Eis as cousas que eu adoro :
Por estes tres tudo tópo,
E se perder, nada choro.

Só esta santa *trindade*
Faz-me alegre, se estou triste ;
Não creio na divindade,
Nem sei se um só Deus existe.

Um cópo... seja lavrado,
Seja tosco ou bem grosseiro,
Me eleva ao céo estrellado
Do viver mais verdadeiro.

Um charuto perfumoso,
Fumaça azul, cinza branca,
E' idyllio delicioso
Que as minhas maguas espanca.

Uma saia... oh ! uma saia,
Seja de seda ou de chita.
Sempre a minh'alma desmaia
Quando uma saia se agita.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).